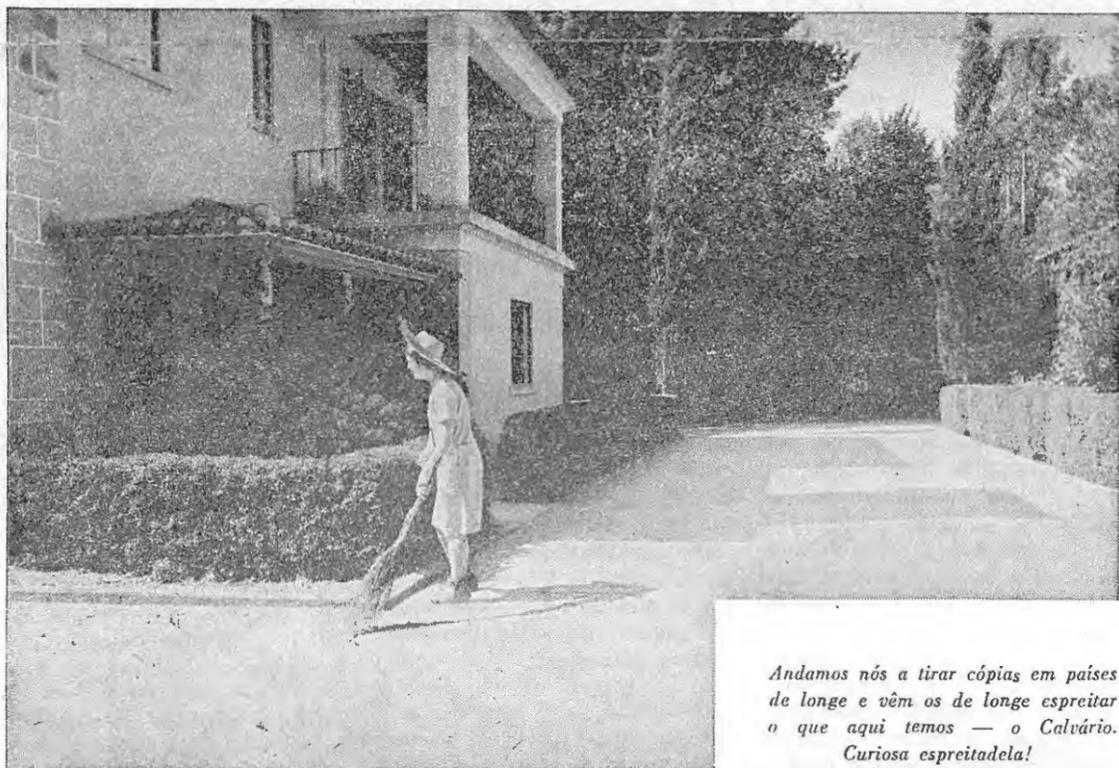


**Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

\* Director: Padre Luiz



*Andamos nós a tirar cópias em países de longe e vêm os de longe espreitar o que aqui temos — o Calvário. Curiosa espreitadela!*

## Calvário

Há seis anos que aqui vem passar suas férias anuais. Vem de longe, da Bélgica. Conheceu por acaso o Calvário, integrado que veio num grupo de Companheiros Construtores, para dar início a uma das habitações para doentes. O Calvário foi uma revelação para ele.

No ano seguinte torna, impulsionado ainda pelo mesmo Movimento, mas interessado já em partilhar a vida que aqui levamos.

E no ano após vem só, sem companheiros. O desejo de conhecer bem a Casa que encontrou, fá-lo vir ano após ano. E parte sempre com o Calvário mais dentro de si mesmo. O Calvário vai com ele.

Na Bélgica, começa a olhar em redor e a descobrir também realidade idêntica, sobre a qual não se tinha ainda debruçado activamente. Há homens e mulheres, jovens e crianças que a sociedade rejeita e segrega porque inválidos ou imbecis, porque inúteis ou estorvo. Constata até, que na região onde vive se verifica a taxa mais elevada da Europa relativa a pessoas idosas, vivendo em solidão.

O sonho de transpor a nossa vida para as planícies flamengas é longo e difícil. Mas persiste. A incompreensão daqueles a quem fala é muro cerrado. Contudo, o regresso anual dá-lhe forças e alento suficientes para prosseguir na concretização do sonho sonhado. E teima em convencer amigos. Mostra, em diapositivos, tudo aquilo que pôde captar no Calvário. E, lentamente, começa a encontrar receptividade.

A casa para o arranque é alugada. O recheio é oferecido. As dificuldades burocráticas ultrapassadas. E muito espantado percebe que a mão do Senhor dá sempre um jeito nestas circunstâncias. E anima-se sem hesitação. A inaugura-

ção da Casa dá-se nos meados de Setembro passado.

Enquanto que por aqui vamos sendo discutidos como ultrapassados, contestados ou suspeitosamente marginalizados, vêm os de longe ver, observar, para finalmente procederem de idêntica maneira e nos mesmos moldes em favor dos Inválidos.

Mas a curiosidade estrangeira não fica por aqui.

De França, também arriba quem já anda empenhado por lá com a vida dos que vivem à margem dos outros — os atrasados mentais. O movimento L'ARCHE — criado por Jean Vanier — dedica-se à integração social dos jovens e adultos deficientes mentais, que os asilos psiquiátricos normalmente armazenam para libertação do peso que eles são no meio da sociedade normal. São várias as Casas já em alguns continentes.

Responsáveis por uma delas tomam conhecimento do Calvário. Verificam que há muito em comum na vida que aqui e lá se desenrola. Mas reparam que nós, além de inválidos físicos e deficientes mentais, recolhemos igualmente incuráveis acamados. É uma tentação fazer o mesmo. Envia, pois, assistentes para que conheçam melhor o Calvário e adquiram alento bastante para iniciar também em França algo em prol dos Doentes sem cura, que os há de sobejo por lá. (Onde é que os não há?!)

As dificuldades que encontram são de ordem burocrática. Porém, quando se ama uma causa, não podem existir barreiras intransponíveis. E a primeira casa para Doentes sem cura, na região

Continua na QUARTA página

## Doutrina

Vêm de Itália e da Alemanha as notícias que nos inspiram.

Na primeira, um Encontro Nacional da Caritas, reunindo 200 representantes de todo o País que se debruçaram sobre as pessoas em dificuldade na procura de uma resposta consentânea com os tempos em que vivemos, ditou esta conclusão:

«A acção sócio-caritativa da Igreja deve passar:

— Da caridade-esmola à caridade-condivisão e partilha de bens.

— Da caridade distribuidora de dons à caridade-doação de pessoas.

— Do empenhamento assistencial à produção de serviços e de saúde que reduzam progressivamente os pedidos de assistência.

— Da presença de tipo terapêutico semelhante à do Samaritano que cura as feridas à presença de tipo preventivo, na qual o Samaritano da parábola preceda a agressão e os ferimentos, evitando-os pela antecipação.

— Da sectorização das intervenções ao serviço dos menores, da terceira idade, etc., à unitariedade dos mesmos. Não olhar as pessoas na categoria de invisuais, de órfãos, etc., mas ver a pessoa humana na totalidade das suas necessidades e valores.

— E, finalmente, passar da intervenção centralizada e cheia de burocracia para a acção programada e levada a efeito no território, onde nasce a necessidade.»

Na segunda é o próprio Governo, pela boca do Presidente Federal, que define a doutrina e nós respigamos:

«Eis o que definimos em sentido mais estrito como amparo ou auxílio social: Ninguém é ferido em sua dignidade humana se recorre ao direito da assistência social.

Cada um, em situações especiais de necessidade, tem o direito de receber auxílio da comunidade. Ninguém pode excluir-se a si mesmo desse auxílio e ninguém tem o direito de excluir alguém. Há um dever de aceitar e há um direito a ajudar a quem se encontre em dificuldade.»

E acrescenta Walter Scheel, proferindo um juízo de valor: «Esta é uma forma incomum de encarar a Assistência, mas ela torna claro como os direitos e os deveres são distribuídos.»

É verdade: Para o comum das pessoas a redacção do texto parecerá equívoca, parecerá trocar as posições de direito e dever, de tanto que se está habituado a entender e praticar a Assistência como um favor, uma benemerência... a produzir devedores e obrigados.

Mas o ponto mais alto vem aí:

«O Dia Alemão da Assistência — 1976, proclama colocar o auto-auxílio no centro das reflexões, como meta de todo o trabalho social.»

E acrescenta o que prescreve a lei federal:

«Incumbência do auxílio social é possibilitar ao receptor uma vida que corresponda à dignidade do homem. O auxílio deve capacitá-lo, quanto possível, a viver independente do mesmo; para isso o receptor deve cooperar com todas as suas forças.

(...) O auxílio só ajuda se promove o auto-auxílio. Não poder ajudar-se a si mesmo significa necessidade. Por isso a necessidade de uma pessoa só é superada quando ela, a partir de então, tem condições de bastar-se a si mesma.

Assim encara o auxílio a sociedade democrática. Para ela, a liberdade da pessoa é valor supremo. Mas, livre só é aquele que aprendeu a tomar em suas próprias mãos o

Continua na QUARTA página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O vicentino, recoveiro dos Pobres, nunca poderia ter digestões burguesas. Como trabalhador, entre outras horas livres, a da refeição é muitas vezes a hora dos SOS.

Hoje, era um Comerciante. Afliço!

— Tenho na mão um caso grave...

— ... Vamos já tratar do assunto. Levantamo-nos.

— Não! Acabe de comer o resto! Obedecemos.

Ele trazia fogo no peito!

Revelamos o caso no sentido de que é preciso destruir o mito de que só o vicentino é que pode e deve procurar solução para os problemas... dos Outros; que, afinal, pertencem a todos os homens conscientes.

Descreveu o problema com inteligência. Entretanto, esclareceu como procurou, ainda, solução. Inteligente. Mas, num ponto, reconheceu sentir-se frustrado. E veio pedir a nossa mão. Que bem!

Ele, o Comerciante, põe a mesa duas vezes ao dia, de conta dos nossos Leitores, a um velho que não tinha onde cair morto. A presença e o serviço prestado a este Pobre tê-lo-ia motivado a abrir os olhos ainda mais para os Outros?

Eis, sucintamente, o caso que trouxe o Comerciante até nós: um moço desempregado não tem conseguido emprego porque está preso às malhas da Justiça Militar «para averiguações». Delito, aliás, com pena já consumada pela última amnistia. Mas os processos são aos montes, nas repartições. Daí, valha-nos ao menos isso, o Comandante do seu Regimento — um Comandante! — contrariando outras opiniões, toma a iniciativa de passar ao Réu uma licença limitada. «Não há razão para este homem estar aqui preso!» E o manco lá tem que se apresentar, dentro dos prazos fixados. «Sou capaz de estar assim, dizem, até Agosto ou Setembro. Não posso conseguir um emprego. Ninguém me aceita!» — sublinha, a rematar.

Estamos, agora, a dar a mão ao Réu, na medida do possível. E o Comerciante, impressionado com a subalimentação dos filhos do casal, dá, inclusivé, ocupação à mulher.

— Eu também tenho filhos!...

E lá foi, como um sino, d'alma cheia, como se o Bem fosse feito única e simplesmente à sua pessoa! O Evangelho é assim mesmo.

**PARTILHA** — Durante a quadra natalícia cresceu um pouco mais a presença dos nossos Amigos! Abre a procissão «Uma assinante do Seixal», que nos traz sempre uma Mensagem.

«Com os desejos de Santo Natal, a partilha do meu salário de Dezembro (1.000\$00) com o voto de que Cristo e Sua Mãe nos ajudem a fazer o verdadeiro Natal em que todos possam chamar-se verdadeiramente Irmãos porque partilham dos mesmos direitos.»

Mais 100\$00 pela mão da D. Hortência. O mesmo de uma Amiga, de Fátima. Metade da assinante 8058, «pela alma dos meus queridos Pais

e para que o Senhor guarde uma jovem dos perigos que a cercam». Mais 210\$40 «num mealheiro improvisado, onde desde 1 de Novembro a esta data dei todo o lucro do primeiro negócio de todos os dias, com destino à vossa Conferência». E continua: «Desculpem, mas são pequenas migalhinhas, qual formiga, para juntar à avalanche que nesta data costumam receber. E não se riam do mealheiro. É pobre, mas é seguro». Não sabemos quem seja; nem jamais quereríamos saber. Basta que Deus saiba. Só Ele é digno destas oferendas — que deposita na mão dos Pobres.

Mais 50\$00 da assinante 21709, do Porto, com um lamento: «Bem pouco é o que mandei e bastante pena tenho de não mandar mais». O dobro, de Mafra, pedindo «uma Ave-Maria para esta alma solitária que tanto sofre por se ver só». Rezámos. A Mãe de Jesus é Mãe de todos. Rua de Cedofeita, Porto, 50\$00; nome, aliás, de quem já não vemos há muito. Idem, do assinante 25517. Mangualde, 200\$00, sublinhando que «o mês passado não mandei nada, este mês vai a dobrar». Que belas contas!

Mais 100\$00 do assinante 259, do Porto. «Eu-e-Ela», de Gondomar, «louvando a Deus por nos ter dado a alegria de poder repartir com os nossos Irmãos»: 1.000\$00. Oh! riqueza!

Mais 200\$00 do assinante 12881, de Lisboa. 500\$00 da n.º 2811, do Porto. Lisboa, com 500\$00 da assinante 30692 «para acudir às maiores necessidades dos Pobres». Agora, são 40\$00 da rua das Taipas, Porto, pedindo «desculpa de ser tão pouco, mas para a outra vez será mais». Delicadeza cristã!

Outra vez Porto com 50\$00, da rua do Bonjardim. Idem, da rua do Bonfim. Vale do correio de 300\$00, de S. Mamé de Infesta; e mais um de cem, proveniente de Estremoz. Atenção, Porto: «Para eu saber que recebeu este cheque (de 1.000\$00) — que tem cobertura... — basta dizer que recebeu de Auricha». Aqui está. Deus vos ajude.

Mais 200\$00 da assinante 9107, do Estoril. O mesmo de um Comerciante d'algueres, pedindo «que seja para a Conferência, sem dizerem quem dá». Cumprimos. Esta é a procissão dos Anónimos!

Odivelas: «Só mando a quantia de 100\$00. Hoje, não é nada. Mas não posso contribuir com mais porque tenho alguns contratemplos» — a morte de um filho. Peçamos todos por ele ao Senhor.

A Avó do Manuel Abílio também vai na coluna com 500\$00. «Um casal de velhotes amigos da Obra» entregou aos nossos cicerones uma nota de mil. Agora, temos metade do assinante 9790, de Oliveira do Douro. E 100\$00 de Formal, Silvalde, Espinho. O «velho» amigo Ramiro manda um cheque de 500\$00, «um bocadinho do meu 13.º mês para o Natal dos meus Irmãos da Conferência. Para que a Luz do Espírito rompa as trevas do egoísmo e do pecado. Feliz Natal!» E um abraço bem apertado. Fechamos com 200\$00 da assinante 21984, de Coimbra. Em nome dos Pobres — obrigado.

Júlio Mendes · Eis a filha do Jaime e da Fátima

## Miranda do Corvo

O MEU PRESEPIO — Olha este Presépio, que lindo! Que gruta tão bonita. Até me parece sentir o calor dos animais. Que paz!

Os carreirinhos de areia branca estão cheios de figurinhas de pastores que levam seus presentes. Alguns já chegaram à gruta. Mais além outros ainda guardam seus rebanhos e as ovelhinhas brancas pastam sobre o musgo verde e fofo.

Há casas brancas que formam lindas aldeias. Também nestas se vêem figurinhas de gente que parece muito feliz. Há músicos e tudo.

Por toda a parte cintilam luzes multicolores.

Lá no alto, um castelo imponente com um rei a cavalo.

Ao fundo já vejo os três reis magos que trazem seus presentes.

Gosto de ver este presépio tão lindo. Deixai-me olhá-lo outra vez.

Mas!... que vejo agora?! Tudo se transforma e ganha vida!...

Já não há mais a grutinha acolhedora com o bafo dos animais a aquecer o Menino, vejo antes uma cabana de tábuas podres e velhas de velhos caixotes, telhado de latas e papelões por dentro, aquecida pelo fumo de montureiras e gases poluidores. E não há um menino, são milhares de crianças rotas e esfomeadas e outros tantos pais e mães que choram de desespero e amargura.

Não vejo mais pastores que levam seus presentes, vejo antes gente que caminha em sentido contrário levando algo que de outrém é pertença justa.

Onde estão as aldeias brancas? Só vejo agora grandes cidades negras e um formigueiro humano que se atropela nos seus afazeres, alheios a quanto se passa à sua volta.

Não há mais o castelo imponente, mas imponentes mansões e moradias ricas. Não tem já o rei a cavalo mas outros reis em grandes carros chegam e partem.

Já se não vêem os rebanhos que pastam no verde musgo. Vêem-se agora campos de guerra, lugares de destruição.



Não cintilam luzes mas os reclamos luminosos enchem-nos a vista e amarfanham o cérebro a quem os fita.

Não há paz, há guerra! Não há amor, há ódio! Não há fraternidade, há exploração! Não há quietude, há desordem e confusão!

Não! Já não gosto de ti, meu presépio. Mas, espera... Há aqui uma casinha pobre mas acolhedora onde há paz! E há Amor!

Só quero, então, este pedacinho do meu presépio.

«Lita»

## A venda de O GAIATO por terras das Beiras

● Eu sou o Guido.

Sou vendedor de O GAIATO em Coimbra, onde passo trezentos e tal jornais. Sou vendedor há três anos e gosto de dar testemunho da vida da Obra de Pai Américo.

Vou também a Cantanhede com o meu companheiro João Manuel. Vendemos, mais ou menos, cento e dez ou cento e quinze jornais. Somos os dois muito amigos.

Guido

● Sou o Calmeiro.

Vendo O GAIATO há três anos na linda cidade de Leiria, onde tenho muitos amigos e feito grandes amizades.

Somos dois os vendedores de Leiria: o «Chiquito-Zé» e eu. Despachamos cerca de 550 jornais.

Normalmente vamos para Leiria à boleia e fazemos o regresso de igual modo. Somos quase sempre bem sucedidos.

Nesta cidade é grande o carinho com que os nossos amigos nos recebem. Não cito aqui esses amigos pois gastaria muito papel e seria um jornal só por minha conta, mas não quero deixar de agradecer tanta amizade. Um abraço para todos os amigos leitores.

Calmeiro

● Sou um dos vendedores de O GAIATO em Coimbra, onde vendo perto de cento e vinte jornais. Vou também a Condeixa, mas aqui só passo quarenta jornais.

Gosto muito de vender O GAIATO pois quero dar testemunho da grande Obra que Pai Américo fundou.

Carlitos

● Queridos leitores, eu sou o João Manuel. Vendo O GAIATO em Coimbra e Cantanhede.

Em Coimbra vendo cerca de 400 jornais e em Cantanhede mais ou menos oitenta.

Tenho muitos amigos que gostam de mim e eu também gosto deles.

No Verão também vou a Monte-Real e a algumas praias, quando calha.

João Manuel

● Eu sou o «Almas». Estou encarregado da venda de O GAIATO na Covilhã. Ainda só despacho 250 jornais, o que não é muito, mas já está a aumentar.

Já tenho muito amigos nesta cidade mas ainda há muita gente que não me conhece.

«Almas»

● Eu sou o «Banana». Sou vendedor em Coimbra e Anadia.

Há cinco anos que sou vendedor e gosto muito de sê-lo, pois os meus fregueses gostam muito de mim e eu deles.

Em Coimbra tenho uma das vendas de maior responsabilidade e a Anadia vou mais o «Chiquito-Zé» e também lá tenho muitos amigos.

«Banana»

● Chamo-me Jorgito e sou vendedor de O GAIATO em Coimbra onde vendo com os meus companheiros.

Jorgito

● Eu sou o «Godó». Sou vendedor de O GAIATO há um ano.

Sou vendedor em Castelo Branco para onde levo trezentos e vinte jornais e passo-os quase todos.

Ainda comecei a vender há pouco tempo e a princípio não gostava nada, mas agora já gosto pois tenho muitos amigos em Castelo Branco que até me tratam por Quinzinho e já me convidaram para cantar à Missa.

«Godó»

● Eu sou o Dias. Vendo o nosso jornal em Coimbra, Ceira e Condeixa.

Gosto muito de vender e levar a nossa alegria a todas as pessoas nossas amigas.

Dias

● Eu chamo-me Joaquim António Nunes, mas cá em Casa chamam-me «Foguetes».

Actualmente vendo na Figueira da Foz, mas comecei em Coimbra onde ainda costume ir ao sábado de manhã para não perder a freguesia.

Vendo também na Mealhada para onde vou à boleia.

Tenho amigos nestas terras todas.

«Foguetes»

● Sou vendedor de O GAIATO em Coimbra. Quando fui vender as primeiras vezes, andava pelas ruas à procura de quem me comprasse os jornais. Agora tenho os fregueses do Francisquito que eu fiquei a substituir.

Assim sou vendedor e gosto muito.

Hipólito

● Chamo-me «Chiquito-Zé» e vendo em Leiria, Coimbra e Anadia. Temos nestas terras muitos amigos. Noto a alegria que as pessoas têm quando nos vêem. E eu gosto de ser vendedor e gosto de espalhar esta alegria.

«Chiquito-Zé»

● TOMAR

É uma cidade onde os amigos abundam e onde nós, os Gaiatos, também gostamos de ser amigos. É



# Do que nós necessitamos

As ofertas registadas na quadra natalícia, são fruto da bondade e carinho de todos vós, ao longo do ano, mas mais salientes no período que ora passou. Vamos ver:

Dum Pedro qualquer, 2.000\$. Dos tios dos nossos «Malmequer» e «Girassol», 320\$. De Leiria 500\$, «importância retirada do meu subsídio de Natal». Do Pároco de Campeã, 1.000\$. Duma colega da esposa dum dos nossos, que trabalha no Hospital de S. João, 100\$. De quatro funcionários da filial da Companhia de Seguros Ourique — Porto, 250\$. De Monteiro Ribas, Indústrias, solaría variada. Cobretores da Sotex. Cheque de dez contos de Lisboa. Vale de 1.000\$, de Borralha. Dos Empregados do Banco Borges & Irmão — Sede, a presença amiga e cheque de 6.770\$.

Cheque de mil, «com as desculpas da humildade». Duzentos da Trav. da Lomba. Do Padrinho do Eusébio, 500\$. De promessa a Pai Américo, duma portuguesa a viver em França, 100 francos. Lígia com camisolas, deixadas no Espelho da Moda. E 100\$ de Castelo Branco. Mais 1.700\$, produto lançado no mealheiro da Tabacaria Lusa, pelos seus clientes durante o ano findo. Oitocentos duma subscrição, da R. Saraiva de Carvalho. Roupas e 500\$, por alma de Rogério, «duma mãe de Matosinhos». Mil da Amadora. Do pessoal da Fábrica de Rendas «Prímor», 780\$. De duas irmãs muito amigas, de Cête, mas vivendo em Paredes, 200\$. Anónima com 200\$, sufragando a alma de Albertina Loureiro. De Américo A. Ferreira e família, 500\$. Duas caixas com roupa, de Queluz. E 200\$ de Ovar, produto do primeiro dinheiro recebido duma estudante que quis repartir com a Casa do Gaiato o seu primeiro ordenado. Oh! simpatia!

De Faro, a presença anual do casal ass, 32454, com um vale de 5.000\$, para a compra de cobertores. Cem de Maria Júlia. Da Orquestra Típica de Águeda, 85\$40. Maria Alice com 500\$. Por uma graça recebida, 100\$. Mais roupa duma Virgínia da Rua da Lapa. E informamos que temos recebido sempre. Quinhentos de Amarante. De Sucol, a muita amizade e cheque de 5 contos. «Por intenção de dois netinhos», 100\$ de Vilar Formoso. Duzentos por alma de Sara e Rogério. De alguém, 1.000\$. De Penedos Altos, 100\$. Do Grupo Motorizado «Boa Nova» — Mazarefes, 1.000\$. Cheque de 8 contos, do Porto. Quinhentos de Gaia. «Proveniente da minha pensão de reforma, junto 100\$». De Vilar de Andorinho, 2.000\$ da venda de rosas como sempre, há muitos anos.

O nosso reconhecimento à Senhora do Talho do Bom Sucesso que, vezes sem conta, nos mimoseia com várias espécies de carne e chouriço. Anónimo com 3.000\$. «Viúva amargurada», com 500\$, por alma de seu marido. Mais vestuário de Queluz. Em sufrágio de João Lopes Carvalho e Josefina Carvalho, 120\$. Amália com 1.000\$, por uma

graça recebida. Anónima de Lisboa, com 1.035\$. Lecista de Figueira, com 500\$, «percentagem do meu subsídio de férias». Vários donativos entregues no Lar, entre eles os 50\$ mensais destinados ao Calvário, de M. Oswald. Mil de Alcanena. Celeste com 250\$. Por alma de Olívia, 50\$. Outros 50\$ de Maria Angelina. Em sufrágio de José da Silva Pinto, 150\$. Anónima da Chamusca, com 100\$ e roupa. Da «Mãe que crê em Deus», 500\$. Por alma de Mário Soares Marques, 1.500\$. Duma Adelaide, do Porto, 100\$. Ass. 23248, com 4.000\$. Duma empregada doméstica, de Lisboa, 100\$.

Amigo do Porto, que aparece mensalmente, enviou-nos cheque de 1.165\$, assim resultante: 100\$ da cota mensal; 100\$ da consoada; contributo dos moradores da Rua Faria Guimarães n.º 895, 265\$; esposa e filhos desse Amigo, com 700\$. Mais uma caixa com cobertores de algodão, da Sociedade de Fiação e Tecidos, Lda. Mais 100\$ de Ermesinde. Da Covilhã, 200\$. Ass. 4931, com 500\$. De Maria Angelina, 100\$. Admiradora da Obra, com 500\$. Por alma de José Lagoa da Fonseca, 290\$. M. L. com 200\$. A muita amizade dos Avós de Sintra e as suas presenças de 500\$ e 150\$. O nosso abraço, com votos de melhor bem-estar.

De Lisboa, 1.000\$ e esta carta: «Queridos Amigos Completo esta semana 63 anos de existência e para de algum modo agradecer a Deus

tantas coisas boas que me concedeu — dois filhos: um sacerdote e uma professora — envio uma pequena oferta, pedindo ao Senhor que de futuro eu saiba repartir melhor os bens que me concedeu...»

Ben haja e que o Senhor permita muitos mais anos de existência.

Assinante 7914, com roupa e 100\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50+100\$. Anónimo com 500\$. Da CINCA, aquando da Festa de Natal que lá fizemos, 7.207\$50. As mensalidades habituais da Rua António Cardoso. De «um casal de Velhotes», 3.000\$. Por intermédio do jornal «A Ordem», 400\$. De uma Avozinha da Praça da Alegria, 200\$. De J. F. 1.100\$. Do Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, 1.800\$. Mais 1.000\$ do Porto. Senhora que mandou 1.000\$ pela mãe do «Fidalgo». Duzentos de Rio Tinto. Mil escudos, da R. da Boavista. Promessa de 500\$. Por uma graça obtida, 100\$. De Aveiro — Verdemilho, 100\$. E mais 500\$, duma inglesa amiga.

De Santarém, uma senhora enviou-nos 500\$, por intermédio duma nossa assinante, que também nos enviou 200\$. Duma Helena, vivendo na Alemanha, 15 marcos. Da Sociedade de Cristais, 250\$. Dum Grupo de funcionários do INATEL, 1.000\$ em vale vindo de Lisboa. Mais

o Pessoal da Sociedade Industrial de Malhas Ferpos, com 2.200\$. Anónima da Corujeira, com 1.000\$. Do Fundão, várias presenças mensais de 250\$. A mensalidade em selos de correio, que nos vem da Amadora. Velha assinante do Monte Estoril, com 200\$. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 100\$. Dois pacotinhos com roupa, de Vilar Formoso. Cem de Valadares. Duzentos do Porto. Retalhos de flanela, «recordando o dia 6-11-931». Do Colégio do Sardão, 150\$. «Agradecendo a Dens 89 anos de vida e 78 de Profissional do Comércio, envio 100\$». Das Costureiras do Hospital de Santo António, o costumeado saquinho com 1.230\$. Tubos de linhas da Rua Fonseca Cardoso. Mais delas, uma grande encomenda de Coats & Clark.

G. S. M. com 50\$, e os nossos votos de melhor saúde para poder finalizar o curso. Vale de correio de 2.672\$, do Porto. De dois anónimos, 200\$. Por alma de José Moreira, 50\$+50\$. Espinho com 500\$. De Tomar, 150\$ em acção de graças à Beata Jacinta, por uma graça concedida. De Oliveira de Azeméis 500\$00.

Terminamos, com o desejo sincero, para todos, de Paz, Amor e Esperança.

Manuel Pinto

assim por toda a parte e é assim que nós gostamos que seja.

Já muitos irmãos Gaiatos passaram por Tomar distribuindo O GAIATO, recebendo e retribuindo amizade. Passaram, trabalharam, despediram-se e seguiram a sua vida. Em Dezembro de 1976 chegou a minha vez. É com tristeza que abandono o meu lugar na venda do nosso jornal e deixo de ver tantos amigos. Mas, tenho a certeza e a consolação de que nada se perderá. Outro me substitui. Passei a pasta ao meu irmão Paulo.

Em Tomar vendem-se 500 jornais, o que já não é nada mau. Ele está aqui a meu lado e ri-se.

— Queres dizer alguma coisa aos nossos amigos de Tomar?

— Ah! Gosto muito desta terra, dos amigos e de vender O GAIATO. Apanhei-o desprevenido!

É altura de dizer adeus a todos os amigos.

Benjamin e Paulo

## ● LOUSA

Chamo-me Fernando e sou eu, juntamente com o Adelino que habitualmente às terças-feiras, de quinze em quinze dias, vamos vender o «Famoso» à Lousã.

Como é dia de mercado, vendemos cerca de 160 jornais.

As pessoas recebem-nos muito bem, com muitos mimos e muita alegria.

Para todos os leitores de O GAIATO, principalmente aos da Lousã, vai um grande abraço.

Fernando

## ● MIRANDA DA CORVO

Eu sou o Adelino e sou eu mais o Fernando os encarregados de vender O GAIATO em Miranda do Corvo.

Vamos às quartas-feiras, dia em que se realiza a feira semanal desta Vila.

Vendemos cerca de 100 jornais, o que já não é nada mau.

Adelino



SAUDAÇÃO — Passada que foi a quadra natalícia, bem como a saída de um e a entrada doutro ano, períodos em que há sempre maior agitação e uma sobrecarga de trabalho, eis-nos de novo junto de vós. Em primeiro lugar, para agradecermos, em nome de toda a Comunidade, as manifestações de Amizade e estima de que fomos alvo. Agradecemos a todos aqueles que conosco repartiram as suas guloseimas, géneros, roupas e dinheiro. Assim, nunca o nosso Natal será o pior.

Que todos hajam tido um Santo Natal e que o Ano Novo seja mais propício que o transacto, eis os votos dos Gaiatos do Tojal.

VISITA — Como havíamos prometido, aqui estamos para falar da nossa visita à STET.

Tivemos que formar inicialmente dois grupos. Os transportes que dispúnhamos não permitiam fazer a visita num só dia. O tempo também não ajudou nada. Porém, nada disto foi impedimento.

Grande entusiasmo e óptimo acolhimento por parte dos trabalhadores da dita empresa.

Logo de início reunimo-nos numa sala onde foi projectado um filme, que trata da evolução do «caterpillar» no tempo e no espaço.

Munidos de bloco de apontamentos e de esferográfica, iniciámos a visita às instalações. Vimos diversas máquinas de terraplanagem, qual delas a maior e mais complicada!

Não faltou a visita ao refeitório onde nos serviram uma óptima merenda. Então, «barriga cheia, companhia desfeita...».

Os nossos agradecimentos à STET em geral e ao grupo desportivo em particular pelos momentos de franca camaradagem e de grande felicidade que nos proporcionaram.

ROUPARIA — Sector de bastante importância na vida da Casa, sofre, volta e meia, como é natural, de algumas faltas.

Por isso aqui tornamos público os pedidos do pessoal da rouparia. Coisas que virão, afinal de contas, beneficiar todos nós. Nesta altura, as necessidades incidem mais sobre ferros de engomar e lãs em fio. As lãs mais precisas são de cores vermelha e castanha.

Jorge e Luís

# Partilhando

As mensagens do Natal voam dentro de cada país ou continente, saltando todos os «muros» criados pela História do Homem e dizem todas o mesmo: o desejo pequenino escrito em letras doiradas, de se fazer uma Paz Nova.

Aquele senhor que ontem me falou do egoísmo, como a causa primeira que trava e destrói qualquer processo de mudança para melhor, tinha razão... e razões! E se para o ano todas as pessoas lhe dessem as boas festas, ele teria coragem de continuar a falar assim?

Bravo, se sim! É que é fácil esquecer os Outros. E para si e para todos os que vêm e sentem o egoísmo como um gigante que é, ainda faminto do desprezo pelos direitos essenciais dos Outros, daqui lhes mando duas «prendas» muito caras. Uma é do Ferreirinha, um pequenito de 8 anos, meigo e com os olhos a atirar para o azul do céu. Andou lá pelas festas de Natal e com certeza, usando toda a sua meiguice natural, cativou a amizade de uma pequenita. Vem a comunicação. Os olhos para começar e as palavras amigas para acabar... com o afastamento. Chega uma carta e um cartão tão cheios de carinho, não

só para o Ferreirinha, mas também para todos nós «outros», com um «espero a tua resposta». Aí vem ele apressado e feliz, usando aquela meiguice e dizer-me:

— Ajude-me a fazer o rascunho... para eu escrever à minha amiga!

Lá ajudei como pude. Passados dois dias, vem-me dizer com tristeza, que a amiga ainda não tinha dado resposta. Ah! sua esquecida! É que a Amizade não tem os dias nem as horas contadas... É sempre!

Agora, a do «Perna Longa».

Entrou no meu quarto sem bater à porta. Que má educação?! Não. Trazia um castelo de bolachas na mão, como recordação doce da família e dos amigos de Ermesinde, onde foi passar o Ano Novo.

— Quer uma bolacha?

— ... E as férias foram boas?

— Foram! Quer rebuçados que tenho ali?

— ...  
Estás perdoado de entrar, sem bater, mas como as bolachas e os rebuçados depressa, se não vais ter visitas que podem entrar sem bater. Aí é que é, adeus educação...

Foram estas as prendas e que boas, porque partilhadas.

Padre Moura

# «Um apelo à consciência dos Homens»

Eis o título inserido na página interior de um matutino: «Morrem de fome por dia doze mil pessoas».

Vamos à notícia:

«O presidente do Conselho Nacional Americano para a Fome e Subnutrição, Jean Mayer, que é um dos grandes especialistas mundiais destes problemas, fez, em Paris, um apelo à consciência dos Homens e à responsabilidade dos países ricos, lembrando-lhes as dimensões que toma actualmente a fome no mundo. Segundo ele, cerca de mil milhões de pessoas, no mundo, são subalimentadas, morrendo de fome 12.000 pessoas por dia. Dez milhões de crianças estão em perigo de vida e 400 milhões de pessoas à beira da inanção.»

Números terríveis!!

Na segunda parte do telegrama «Jean Mayer considera que estas condições não melhorarão devido, principalmente, à explosão demográfica». E «para se sair desta situação — considera ainda Jean Mayer — sendo a agricultura a base das civilizações humanas, é preciso continuar a aumentar a produção agrícola, ajudando cientificamente os países pobres».

Esta notícia sugere-nos factos do dia-a-dia que, por intuição — sem qualquer ajuda técnica ou científica — vão na esteira da receita prescrita. Queremos referir-nos aos Auto-construtores desta faixa du-

## Doutrina

Cont. da 1.ª pág.

seu destino, enquanto lho permitam as suas forças. No Estado democrático, Assistência significa encaminhar a pessoa, tanto quanto possível nesse caminho.

(...) A auto-ajuda não tem, unilateralmente, a vantagem de ser mais económica. Isso pode ser o caso numa ou outra vez. Criar espaço para a liberdade de cada um, tão ampla quanto possível, para uma acção sob responsabilidade própria, tem muito mais a ver com a dignidade da pessoa.»

Duas nações, duas notícias, dois — e formalmente diferentes — os sujeitos que lhes dão o nome... e uma mesma tónica: o profundo respeito pela dignidade do Homem, até quando ele dela decafu com alguma culpa própria; e, na lógica deste respeito, a busca de modos de acção — a auto-ajuda — que libertem o assistido da necessidade habitual da Assistência e lhe não permitam engrossar uma classe de pobres, que isso significaria ficar pobre e desamparado toda a vida.

Quantas lavagens ao cérebro não serão precisas aos nossos enquistados organismos assistenciais para se chegar aqui!

Padre Carlos

riense, muitos dos quais, com sacrifícios incríveis, dão fantásticas lições no aproveitamento de terras incultas, de montados, onde puderam levantar suas casas a longo prazo por suas próprias mãos; e que, agora, são também fontes de auto-abastecimento familiar de produtos hortícolas, vinho, pecuária...

Temo-los visto, nos tempos livres, de picareta na mão a surripar. A terraplanar. A semear. E a colher o fruto do seu heroísmo. Heroísmo revolucionário! Estes são os autênticos Revolucionários da Pátria de Camões.

Para alguns responsáveis da Política e da Economia, inebriados pelos números, pelas teorias de manual, pela poesia

dos grandes planos de fomento, estas acções serão, talvez, caricatas, de segundo plano. Mas o certo é que essas famílias — e são centenas, são milhares! — já não pagam renda de casa, já não vão a cem por cento à praça, ainda que, por vezes, tenham dívidas inimportáveis. Sabemos que sim! E a maioria delas sem haverem recebido qualquer apoio a nível oficial. Só porque não fazem comícios...! A Justiça digna, limpa, não espera pela pedrada no charco.

Quanto nos doi ver montes incultos, de terras ditas pobres, que poderiam ser manancial de pequeninas riquezas, suporte de muitas habitações saudáveis, fonte de auto-abastecimento familiar, e continuam a mato,

## Retalhos

● Algumas notas a respeito do nosso Natal.

Família grande à volta da mesma mesa a saborear o bacalhau, as batatas e as couves. Alegria no ar. Muitos terão tido mais rica ceia, mas muito poucos mais animada. Depois a prenda dos nossos «Batatinhas», que no salão de Festas nos animaram com as suas canções e danças. Animação que se manteve durante a distribuição de lembranças do Menino Jesus. Dirigimo-nos em seguida para a nossa Capela onde celebrámos a Missa do Galo, abrindo o nosso coração a Jesus e à Sua Mensagem. A noite já ia alta, mas antes de cada um recolher ao ninho, ainda passámos pelo refeitório para adoçar a boca.

● Algumas crianças, aquelas que acreditam ser amadas, vivem à espera dos mimos que por esta altura recebem. Algumas assim é. E as outras?! E são tantas!

● O Victor bateu-me à porta. Eu, escrevia. Baixinho perguntava:

— Posso entrar se faz favor?

— Entra.

— Venho mostrar este carro que me deram e estes livros da Heidi. Amanhã pode ler-mos?

— Está bem.

Continuei a escrever. Passado algum tempo, diz-me:

— Posso ir-me embora para merendar?

Lá se foi com o carro e os livros na mão..., como quem é dono do Mundo inteiro. Feliz.

Os adultos não se contentam com tão pouco. A insatisfação que neles habita, tanto os pode ajudar a procurar os valores que Deus põe ao seu dispor, como os pode levar a correr atrás daquilo que os faça esquecer essa insatisfação e que tantas vezes os mata ou empobrece.

É certo que a insatisfação faz parte da nossa natureza e faz falta para nos mover; mas também é preciso que continuemos a ter algo das crianças para nos maravilharmos com o belo da vida. Como dizia Tagor: «É preciso não chorar por não poder ver o Sol se-

## Calvário

Cont. da 1.ª pág.

de Cognac está em arranjo para receber em Fevereiro próximo os primeiros habitantes.

Chamaram-me para que fosse ver. E, já em França, dão-me a notícia de que Jean Vanier quer arrancar em Trosly, ao norte de Paris, com mais outra Casa, ao lado do Centro que ali funciona para atrasados mentais. Ele mesmo requisita estágio, no Calvário, para os seus assistentes.

Já uma vez repeti a palavra de S. Paulo: «Deus serve-Se

dos fracos para confundir os fortes». Queremos ser humildes para aceitar o pedido que nos fazem de vir colher modelo e forças da nossa pequenez e simplicidade. E ficamos contentes porque os mais marginais, no derradeiro estádio da vida, vão ter mão amiga para os ajudar ainda a viver.

Andamos nós a tirar cópias em países de longe e vêm os de longe espreitar o que aqui temos.

Curiosa espreitadela!

Padre Baptista

desarborizadas..., por mor dos números matriciais; e, também, porque os responsáveis pela lei dos solos, obsecados pela urbanização citadina — pela macrocefalia reinante — bloqueiam a iniciativa dos Auto-construtores!

Em nossa opinião — nos meios essencialmente rurais — o loteamento de montes incultos, com péssimas (ou nenhuma) vias de comunicação, deveria ter uma regulamentação específica, muito específica, e desburocratizada — sob a orientação de técnicos competentes. As horas gastas em papel selado ou não, em levantamentos topográficos, nos departamentos camarários, nas Circunscrições de Urbanização, em tantas repartições, seriam apli-

não arriscamo-nos a não ver as estrelas».

● A beleza das crianças. Olhai e vede.

Era véspera do dia de Ano Novo. Alguns dos nossos iam visitar parentes. Um deles, a quem chamamos o «Riri» vem ter comigo antes de partir e pede-me um saco de plástico.

— Para que queres o saco?

— É para levar brinquedos à minha irmã.

— Onde os arranjaste?

— São os que me deram a mim pelo Natal. Não brinquei com eles para não os estragar e poder agora oferecê-los à minha irmã.

● Os nossos mais pequenos no dia a seguir ao Natal, foram ao Calvário mostrar as suas habilidades teatrais. Foi uma tarde feliz pela alegria com que os Doentes os viram.

cadás eficientemente com os técnicos em campo, de mangas arregaçadas. Oh! Plano de Fomento Habitacional dos meios rurais!

Mas se tudo continuar como até aqui, não são apenas os interessados que perdem a oportunidade de terem uma casa decente, construída heroicamente pelas suas mãos; de terem o seu quintal tratado com amor; de participarem — como Trabalhadores que são — no chamado relançamento da Economia do País. É o nosso País que perde! Somos todos nós! E... continuaremos a mendigar, lá fora, de chapéu na mão, com jurros, o capital que desperdiçamos aqui e agora!

Morrem de fome por dia, no Globo, doze mil pessoas. E por cá?!... Só não dá fé quem tem a barriga cheia; e a vista muito curta, entre o estômago e o intestino.

Júlio Mendes

A despedida diziam ter gostado muito, que quando pudessem lá voltassem.

Os Doentes do Calvário, na aceitação dos seus males, são uma bela lição de vida para os nossos que crescem para a vida. São, aliás, uma lição para todos os que os visitam.

● Vem aí um novo ano. O que trará ele a cada um de nós? É um embrulho fechado que se irá abrindo devagar ao longo dos dias que o compõem. Abramo-lo com cuidado e recebamos cada dia sentindo as responsabilidades que temos em manter vivo e operante o nosso encontro com Deus e com os Irmãos. É preciso que assim seja. O tempo que passa não volta mais. E há tanto que fazer neste Mundo que pisamos!

Padre Abel

## Correspondência de Família

«De princípio espero que se encontre de boa saúde, bem como todos os nossos Gaiatos. Nós, Gaiatos Ramada, também estamos bem.

Na passagem desta quadra natalícia, em que festejamos a Festa da Família, irmanamo-nos a todos vós pedindo a Deus Filho, festejado nesta quadra, que nos ampare e nos guie para o Caminho da Verdade e da Vida; e nos una para as tarefas

da construção de um Mundo Melhor.

Tantas quadras natalícias passei junto de vós em presença! Hoje passo-as convosco em espírito.

(...) Minha esposa abraça-vos e meus filhos beijam-vos e eu peço-vos que não se esqueçam de nós no Lugar mais próprio: o nosso altar.

(...) Um abraço da Família Ramada.»



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa